

Estudos de gênero na Psicologia Brasileira – perspectivas e atuações da terceira geração

Gender studies in Brazilian Psychology - perspectives and actions of the third generation

Adriano Beiras*¹; Adriano Henrique Nuernberg; Karla Galvão Adrião*****

***Universidad Autónoma de Barcelona (UAB)/Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC);**

****Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); ***Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**

adrianobe@gmail.com; adrianoh@cfh.ufsc.br; galvaoadrião@gmail.com

Historia editorial

Recibido: 08/01/2011

Primera revisión: 28/02/2011

Aceptado: 12/10/2012

Palavras-chave

Gênero

Psicologia

Geração

Masculinidades

Sujeitos feministas

Resumo

Buscamos neste texto mapear e refletir sobre a terceira geração de pesquisadores na área de gênero na psicologia brasileira, articulando estes à inserção dos estudos de masculinidades e estudo *queers* em seus núcleos de pesquisa. Esta geração, da qual os autores e autora deste artigo participam é constituída por pesquisadoras(es) alocados em um campo já organizado, o qual já vem utilizando a categoria gênero, há alguns anos reconhecida nas ciências sociais e humanas. Faz-se importante observar que um dos principais papéis desta geração tem sido divulgar e aprofundar as conquistas tanto teóricas quanto metodológicas geradas pelas primeiras gerações. De um modo geral podemos apontar que a terceira geração reflete a atual valorização da pluralidade, da valorização de novos sujeitos do campo feminista no Brasil trazendo temáticas para investigação que são foco da busca da legitimidade nas novas configurações dos movimentos feministas brasileiros.

Abstract

The aim of this text is mapping and reflecting on the third generation of Brazilian researchers in gender psychology, doing an articulation with the integration of masculinities studies and queer studies on these groups of research. This generation, to which the authors of this paper belong, consists of groups of researchers already enrolled in an organized field, in which they use the gender category, concept recognized in the social sciences and humanities a long time ago. It is important to take into account that one of the main roles of this generation has been spreading and deepening the achievements, both theoretical and methodological, attained by earlier generations. In general, we can state that the third generation reflects the current value of plurality, the appreciation of new subjects on the feminism field on Brazil, bringing topics for research focused on the search for legitimacy in the new configurations of the Brazilian feminist movement.

Keywords

Gender

Psychology

Generation

Masculinities

O foco de reflexão proposto neste texto está em apresentar um breve mapeamento sobre o que denominamos de “a terceira geração” de pesquisadoras(es) da área de gênero na psicologia no Brasil, relacionando estes com a inserção dos estudos de masculinidades e estudos *queers* neste campo. A partir deste mapeamento, o qual é apenas uma versão possível² entre diversas possibilidades de mapear o campo, buscamos tecer algumas reflexões críticas pontuais e possíveis perspectivas. Esta geração, da

Beiras, Adriano; Nuernberg, Adriano Henrique y Adrião, Karla Galvão (2012). Estudos de gênero na Psicologia Brasileira – perspectivas e atuações da terceira geração. *Athenea Digital*, 12(3), 203-216. Disponible en <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/Beiras>

¹ Patrocínio Agência: Becas MAEC- AECID (Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo), bolsa de doutorado pleno na Espanha ao primeiro autor.

² Importante frisar que estamos contando aqui uma versão possível, sabendo que sempre estaremos recortando a realidade a partir de um olhar específico. Com isso queremos deixar claro que há possibilidades de outras versões não menos legítimas nem menos importantes.

qual os autores e autora deste artigo participam e seguem influenciados pelas gerações anteriores, segundo o estudo de Adriano Henrique Nuernberg (2005), é constituída por pesquisadoras(es) alocadas(os) em um campo já constituído, o qual já vem utilizando a categoria gênero há alguns anos reconhecida nas ciências sociais e humanas. Faz-se importante observar que um dos principais papéis desta geração tem sido divulgar e aprofundar as conquistas tanto teóricas quanto metodológicas geradas pelas primeiras gerações. Outro aspecto interessante é a maior presença masculina e a emergência dos estudos sobre masculinidades (Nuernberg, 2005). Há também uma representativa articulação com novos movimentos sociais e o abarcamento de problemáticas anteriormente pouco representadas sob um enfoque de gênero, como paternidade adolescente, violência masculina, direitos sexuais e reprodutivos de jovens, deficiência, estudos *queers* e saúde masculina.

O desenvolvimento destas pesquisas e articulações socio-políticas destas(es) pesquisadoras(es) representa a continuidade dos estudos de gênero na psicologia, apontando novas possibilidades e formas de atuação e o reconhecimento da área dentro da psicologia social brasileira³. Traz também em sua bagagem a responsabilidade de dar continuidade aos estudos das primeiras gerações e romper com as desigualdades de gênero historicamente construídas e legitimadas pela psicologia. Representam atualmente um importante campo, com atuações em comunidades e articuladas a movimentos sociais.

Na sequência deste texto procuraremos apontar alguns núcleos de pesquisa nos quais se vinculam pesquisadores(as) dessa terceira geração, e suas práticas e atuações e influências teóricas, refletindo sobre tendências do campo de estudos de gênero na psicologia.

Aspectos gerais das duas primeiras gerações

Com base no estudo de Nuernberg (2005) podemos fazer uma síntese rápida de algumas das principais características das duas primeiras gerações que construíram o campo de estudos de gênero na psicologia, com o objetivo de contextualizar o que chamamos de “terceira geração” na sequência deste texto. As pesquisadoras que atuaram na incorporação dos estudos de gênero na psicologia possuem em comum diversas características pessoais e profissionais, analisadas a partir de suas trajetórias. Em geral, são mulheres brancas de classe média entre 40 e 60 anos, que sofreram os impactos sociais e culturais da ditadura militar no Brasil, dos movimentos refletidos em maio de 68 na França e que se identificaram, em maior ou menor grau, com o paradigma modernizante das relações de gênero proposto pelo feminismo durante a década de 70 (Goldberg, 1989; Nuernberg, 2005).

Algumas foram militantes feministas de grande expressão nacional e atuaram na produção das conquistas históricas do feminismo no Brasil e outras não tiveram nenhuma relação direta com esse movimento. Em realidade, essa é uma característica geral do campo de estudos de gênero no Brasil, que abriga tanto aquelas que se assumem prioritariamente como feministas como aquelas que se percebem como intelectuais pesquisadoras.

Tais mulheres, uma vez que não haviam homens nessas primeiras gerações, acompanharam o movimento de reconstrução da psicologia social ocorrido no Brasil desde o final da década de 70, ou seguiram em outros campos disciplinares com o mesmo esforço de produzir conhecimentos articulados com os problemas da realidade social do Brasil. Suas carreiras profissionais se deram em grandes

³ Embora trabalhe com a idéia de um continuum entre as três gerações por nós destacadas, é importante destacar que esta é uma escolha para fins de escrita, tendo em vista que compartilhamos com a noção de que cada uma das gerações destacadas, bem como sua interfaces com as demais, são marcadas por tensões e reconfigurações contínuas, não sendo homogêneas e tampouco lineares.

universidades brasileiras onde ministram a disciplina de psicologia social ou outras disciplinas afins, sendo que quase todas possuem grande inserção no contexto da pós-graduação (Nuernberg, 2005).

A respeitabilidade que gozam no contexto acadêmico não se restringiu ao grupo de pesquisadoras próximas ao campo intelectual feminista, haja vista a posição de destaque que boa parte delas ocupa nas universidades que trabalham e nas associações científicas de que são membros. Assumindo a clássica estratégia de “corda bamba” (Costa, 1994), as tais pesquisadoras driblaram a rigidez da academia coadunando posturas disciplinares e interdisciplinares, aliando esforços políticos com interesses científicos. Isso corrobora o argumento de que a postura destas pesquisadoras é de integração e não de ruptura com o meio acadêmico, sendo esse um aspecto fundamental da definição dos contornos do campo de estudos de gênero na psicologia brasileira.

Suas produções analisam questões que construíram o campo intelectual feminista⁴, como a violência, o trabalho, a família, a sexualidade, subjetividade e a educação. Tais temas são trabalhados por essas pesquisadoras a partir de diferentes abordagens teóricas, quase sempre agregando referenciais teóricos influentes na psicologia social (teoria das representações, materialismo histórico, estudos culturais, teorias pós-estruturalistas, por exemplo) aos avanços propostos pelo campo intelectual feminista. A influência exercida nessas gerações pelo tipo de pesquisa desenvolvida pela Fundação Carlos Chagas, onde não há compromissos com referências disciplinares, foi também importante para que o campo analisado se constituísse com base na interdisciplinaridade.

Destas gerações, dentre diversas tensões e disputas já que não se trata de um movimento histórico linear, é importante destacar, ainda que brevemente dado os objetivos deste texto, o debate acadêmico ocorrido sobre classe e gênero, influenciado pelas ideias marxistas, e também as tensões e debates ocorridos a partir de denúncias de racismos pelas mulheres negras (Haraway, 2004).

A terceira Geração

A terceira geração é composta por pesquisadoras(es) que trabalham dentro de um campo já constituído e usufruem o fato da categoria gênero⁵ ser relativamente reconhecida nas ciências sociais e humanas. Entre outros, seu papel tem sido o de divulgar e aprofundar as conquistas teórico-metodológicas engendradas pelas primeiras gerações, sendo que um dos aspectos interessantes é uma maior presença masculina no contingente de pesquisadoras(es) dos estudos de gênero. Sua originalidade está nas formas de articulação com novos movimentos sociais e nas problemáticas que pesquisam. Através dessa geração, temáticas antes pouco contempladas como as questões das masculinidades e paternidades estão agora recebendo maior atenção, como temas de pesquisas no campo da psicologia social (Ariha, 1999; Lyra da Fonseca, 1999; Medrado, 1998). Essa terceira geração será responsável pela continuidade do campo de estudos de gênero nas próximas décadas, certamente, com base em novas questões e abordagens, produzindo novas tensões, demandas, perguntas e respostas. Sua larga abrangência, incluindo todos aqueles influenciados pelas aulas, textos e orientações das mulheres das

⁴ Neste artigo sempre que nos remetermos ao feminismo utilizaremos o termo no singular para efeitos de escrita. Entretanto sabemos da pluralidade do campo, tanto na academia, demarcado por diferentes ênfases, quanto no espaço do movimento social. A título de ilustração, demarcamos alguns destes: o feminismo liberal, o feminismo marxista, o ecofeminismo, o feminismo pós-estrutural, dentre outros.

⁵ Refletimos e trabalhamos com a categoria gênero a partir de autoras como Judith Butler (2003) e Joan Scott (1995). Entretanto sabemos da tensão interna que a própria escolha por discutir a partir das questões de gênero implica, tendo em vista que não há uma homogeneidade na forma de utilização da categoria. Sobre este debate voltaremos ainda neste artigo.

primeiras gerações, pode representar a superação definitiva do papel ideológico que a psicologia teve, na manutenção das desigualdades de gênero.

Vale destacar que não estamos entendendo esta fase como linear ou como necessariamente um progresso das anteriores, considerando que há diversas possibilidades de leituras, como já indicado anteriormente. Em alguns aspectos pode ser considerado uma sequência e em outras rupturas importantes, promotoras de tensões e divergências. Ademais, vale lembrar que nossa leitura está centrada no âmbito da psicologia e estudos de gênero.

Pesquisadoras(es) ligadas(os) a esta terceira geração de estudos de gênero e interlocução com a psicologia concentram-se principalmente em núcleos de pesquisa de universidades federais, integrados com ONGs e movimentos feministas. Este foi um critério de nosso mapeamento. Este contexto permite uma considerável diversidade de temas apresentados e produção científica, visto que estes núcleos estão integrados a programas de pós-graduação em psicologia, nível mestrado e doutorado. Procuramos descrever estes “focos” institucionais de produção brasileira nesta área, considerando que esta geração apresenta-se de forma mais diversa, com muitos participantes e uma diversidade de pesquisas que este artigo não conseguiria caracterizar em poucas páginas.

Dentre estes núcleos está o “Margens” (Modos de Vida, Família e Relações de Gênero), no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), coordenado pelas professoras Doutoradas Mara Coelho de Souza Lago, Maria Juracy Filgueiras Toneli e Meriti de Souza. Este núcleo foi criado em 1996 e se integrou a diversos outros núcleos que trabalham com estudos de gênero da UFSC, em outras áreas de conhecimento. Congrega um número expressivo de pesquisadoras(es) responsáveis por projetos de pesquisa e extensão universitária de âmbito local, nacional e, mais recentemente internacional. Estas pesquisadoras e pesquisadores, muitos incorporados pelas orientações do programa de pós-graduação desenvolvem e divulgam pesquisas de gênero pelo Estado de Santa Catarina e Brasil.

O núcleo Margens participa da área de concentração Práticas Sociais e Constituição do Sujeito (até 2012, em 2013 passa a ser chamada Práticas Culturais e Processos de Subjetivação) do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC e do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, área de concentração “estudos de gênero”, sempre buscando promover a integração de alunas e alunos de diferentes níveis de ensino. As atividades envolvidas congregam disciplinas, eventos científicos interdisciplinares nacionais e internacionais, elaboração de trabalhos e pesquisas em conjunto com outros núcleos e instituições não governamentais (e.g. UFPE, UFES, UFPA, UnB, as ONGs Instituto PAPAI, ADEH, entre outras), sempre objetivando o estudo de práticas sociais, modos de vida e constituição do sujeito.

As temáticas estudadas são relacionadas a direitos sexuais e reprodutivos de jovens, paternidades (cuidados afetivos, pais jovens, proger), masculinidades, homens e saúde, organizações familiares contemporâneas, modos de vida e geração, violência masculina exercida contra mulheres e violência sexual, corporeidade, travestis, sempre com enfoque de gênero, e questões diversas relacionadas a sexualidades e estudos GLBTT. Vale destacar a influência da teoria *queer*, que passa a ser um dos enfoques utilizados nos estudos deste núcleo de pesquisas e em outros apresentados a seguir, como tensionador e produtor de novos olhares aos estudos de gênero na psicologia. Isto ocorre na medida em que esta teoria promove um questionamento das categorias masculino e feminino e do uso do próprio gênero como categoria analítica, produzindo novos debates e discussões nos campos dos estudos de gênero e interlocuções com o campo de sexualidades. Este aspecto marca a produção da terceira geração mapeada neste texto.

Além da atuação acadêmica e científica, este núcleo destaca-se no trabalho de articulação política em assembleias locais e estaduais, em diálogos com o movimento feminista e atuações de extensão em delegacias, postos de saúde e escolas e campanhas midiáticas como a “Laço Branco- Homens pelo fim da violência contra a mulher”, de âmbito nacional, representada pelo Margens no Estado de Santa Catarina. O Margens integra também a Rede Brasileira de Pesquisas em Violência, Saúde, Gênero e Masculinidades (VISAGEM), Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) e o IEG (Instituto de Estudos de Gênero, que integra diversos núcleos que estudam gênero em Santa Catarina).

Quanto aos aportes teóricos que fundamentam os estudos realizados no núcleo Margens, há uma variedade, inclusive interdisciplinar (diálogos com a antropologia, história, filosofia, história, entre outras disciplinas), de contribuições que vão desde teóricas feministas, com ênfase em autoras pós-estruturalistas, à psicanálise freudo-lacanianana, além de especial atenção às contribuições de Foucault. Alguns dos trabalhos fundamentam-se também na psicologia histórico-cultural (Lago & Toneli, 2008).

Já com relação à metodologia utilizada nas pesquisas deste núcleo, Mara Coelho de Souza Lago & Maria Juracy Filgueiras Toneli (2008) apontam a utilização de métodos majoritariamente qualitativos, em alguns casos conjugados com quantitativos e etnografias. Alguns trabalhos utilizaram pesquisas documentais (bibliográficas e mídia virtual), utilizando, em muitos destes a análise discursiva, fundamentada em autores(as) tais como Michel Foucault, Michel Pêcheux e Eni Orlandi. A maioria das pesquisas e intervenções é realizada junto às camadas populares.

Com pouco mais de 10 anos de atuação, o núcleo Margens já formou uma variedade de pesquisadoras(es) na abordagem de gênero, sob temáticas variadas (corporeidade, mídia, homossexualidade, juventude e sexualidade, parentalidade, violência, DSTs e Aids, entre outros temas relacionados), integrando pesquisadores homens, mulheres, jovens pesquisadoras(es) e alunas(os) do curso de psicologia, militantes, professoras(es) e pesquisadoras(es) de diferentes instituições de ensino do país, além daqueles vinculados a outras áreas de conhecimentos, principalmente vinculados ao doutorado interdisciplinar.

O Instituto Papai, criado em janeiro de 1997, atuando com diversas parcerias que incluem o núcleo de pesquisas Margens/UFSC e os outros núcleos que serão descritos a seguir como o GEMA/UFPE (Núcleo de Pesquisa e Extensão em Gênero e Masculinidades), é uma organização civil sem fins lucrativos com sede em Recife, Pernambuco. Busca desenvolver ações políticas, educativas e também informativas, direcionadas à homens de camadas populares, além de pesquisas sobre masculinidades, saúde sexual e reprodutiva, entre outros temas, com uma perspectiva feminista. A criação desta ONG foi uma iniciativa pioneira na América Latina e teve como modelo os núcleos acadêmicos de estudos sobre a mulher e relações de gênero, criados no Brasil na década de 1980. Estes núcleos, assim como o Papai, promoviam interface entre a produção acadêmica de gênero e a militância feminista.

A missão do Instituto Papai é promover a cidadania com justiça social, através da equidade de gênero, respeito a jovens e gerações, garantia de direitos sexuais e reprodutivos e através da eliminação de violências, em especial a aquelas baseadas em gênero, etnia e orientação sexual. Apresenta como objetivo principal a promoção da revisão de um modelo androcêntrico de socialização masculina através de ações e estratégias diversas (Instituto Papai, s/d).

O Instituto Papai foi fundado por Jorge Lyra-da-Fonseca, (psicólogo de formação e Doutor em Saúde Pública; Benedito Medrado, atual coordenador do GEMA —Núcleo de Pesquisa e Extensão em Gênero e Masculinidades— na Universidade Federal de Pernambuco, instituto que falaremos a seguir), Karla Galvão Adrião (Psicóloga e Doutora em Ciências Humanas com tese defendida sobre o movimento

Feminista no núcleo Margens/UFSC) e Pedro Nascimento (Antropólogo, Doutor em Antropologia na UFRGS).

O instituto iniciou suas atividades com o tema central focado na paternidade adolescente, fruto da dissertação de mestrado de Jorge Lyra-da-Fonseca, sendo a principal iniciativa o Programa de Apoio ao Pai. Este programa procurava trazer a discussão sobre a importância da participação jovem e masculina no campo da sexualidade, reprodução e saúde. Os objetivos do instituto são alcançados através de atividades de intervenção social, capacitação, consultoria, ação política e estudos e pesquisas. Estas iniciativas estão fundamentadas no movimento feminista e nos movimentos de gays e lésbicas. Com o passar dos anos, o instituto incorporou outras temáticas, tais como: violência contra mulheres, prevenção DST Aids, ações políticas e formação de redes, entre outros temas, estabelecendo parcerias nacionais e internacionais.

Suas ações e pesquisas estão em diálogo constante com a Psicologia Social (Construcionismo Social), Ciências Sociais (Sociologia e Antropologia) e Saúde Pública, apesar da equipe ser constituída, em sua maioria, por psicólogos. Priorizam-se autoras(es) que trabalham com o tema masculinidades, sob um enfoque feminista. As pesquisas realizadas no Instituto Papai são inspiradas no modelo ação-pesquisa, buscando sempre uma interface entre ação política, pesquisa, ensino. São realizadas pesquisas qualitativas, através de grupos focais e entrevistas e também quantitativas no instituto. O Papai busca promover o conhecimento e intervir na formulação e monitoramento de políticas públicas, procurando superar barreiras interpessoais, culturais e institucionais. A formulação de políticas públicas mais justas tanto para as mulheres assim como para os homens orientados por uma perspectiva de gênero são defendidas pelo instituto.

Apesar de originalmente o Instituto Papai ter se situado na Universidade Federal de Pernambuco, atualmente está localizado em um bairro da periferia de Recife, junto a estabelecimentos de ensino, sempre com parcerias de estágio e extensão universitária. A maioria de suas intervenções são realizadas em camadas populares. Esta ONG tem contado com financiamentos da Fundação Ford, Unesco - Programa Nacional de DST/Aids, Ashoka, Plan Internacional, FNUAP, Governo Federal - Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, *Save the Children*, Ministério da Saúde - Saúde do Jovem.

Em parceria direta com o Instituto Papai está o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Gênero e Masculinidades da Universidade Federal de Pernambuco (GEMA-UFPE), do Departamento de Psicologia desta instituição. Este núcleo de pesquisa foi criado em 1998, pela equipe do Instituto Papai e posteriormente passou a ser coordenado pelo prof. Dr. Benedito Medrado e vinculado a UFPE e ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPE. Reúne estudantes de graduação e pós-graduação da Psicologia, Ciências Sociais e Saúde, assim como pesquisadoras(es) e atuantes de ONGs.

O GEMA busca promover um espaço de interlocução interdisciplinar e construção de projetos integrados com pesquisadoras(es) de diferentes universidades ou ONGs. Procura alimentar uma rede de estudos e pesquisas sobre gênero, no campo da saúde, sexualidade e reprodução, sempre com um enfoque especial nos homens e masculinidades.

As pesquisas desde núcleo estão fundamentadas na Psicologia Social, em especial no construcionismo social, com um diálogo constante entre a psicologia e a linguagem, além de autoras(es) feministas pós-estruturalistas e estudos de masculinidades e também teoria *queer*. Suas linhas de pesquisa, que se integram às pesquisas do Instituto Papai, são: saúde, sexualidade, reprodução, juventude, ação política,

cultura e subjetividade, práticas discursivas e produção de sentidos, processo psicossociais e poder e práticas coletivas.

O GEMA utiliza uma metodologia de base qualitativa, pautada no construcionismo social e produção de sentidos no cotidiano. As pesquisas estão integradas a projetos de alunas e alunos de graduação pós-graduação (iniciação científica, mestrado e doutorado) e parcerias com outros núcleos e ONGs. Atuando em projetos de extensão universitária, este núcleo tem procurado contribuir para a promoção de equidade de gênero no âmbito da saúde e dos direitos sexuais e reprodutivos, por meio de intervenção social. Busca promover a construção de outros sentidos e práticas sociais nas relações de gênero, em conjunto com outras instituições. Seus projetos são financiados principalmente pelo CNPq e Ministério da Saúde, além de outras parcerias com o Instituto Papai que agrega outros financiadores nacionais e internacionais.

O GEMA, assim como PAPAI, integra a Rede de Homens pela Equidade de Gênero (RHEG), e promovem a campanha “Laço Branco-Homens pelo fim da violência contra a mulher”⁶. Professor Dr. Benedito Medrado é o coordenador desta campanha no Brasil. Fazem parte também da Rede Feminista Norte-Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero (REDOR), Rede Brasileira de Pesquisas em Violência, Saúde, Gênero e Masculinidades (VISAGEM), Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO).

Na sequência, procuraremos descrever outras duas ONGs do Estado do Rio de Janeiro, o NOOS e o Promundo, que consideramos ser muito relevantes para o tema apresentado, no entanto, com uma articulação menos intensa com núcleos acadêmicos, apesar de possuírem uma expressiva produção científica e materiais educativos e importantes intervenções em camadas populares. A importância destas organizações está em suas atuações e pesquisas com enfoque de gênero e masculinidades e participação em seminários, congressos e fóruns, além de intensa articulação com o movimento feminista.

O Instituto Noos, localizado na cidade do Rio de Janeiro, é uma ONG formada por psicólogos(as) e psiquiatras que são terapeutas de casais e famílias. Com suas atividades iniciadas em 1998, o Instituto Noos busca desenvolver ações conjugadas com serviços governamentais e não-governamentais, de forma a colaborar na prevenção da violência. O instituto foi criado com o objetivo de levar atendimentos a camadas populares e, posteriormente, surgiram diversos outros projetos.

Uma das principais atividades está relacionada a temática violência intrafamiliar, com a realização de atendimentos de casais e famílias, grupos reflexivos com homens e mulheres, acolhimento, capacitações, dentre outras atividades, diagnóstico situacional de famílias com crianças e adolescentes que sofreram maus-tratos, incentivo à formação de rede comunitária de apoio a famílias, além de sensibilização sobre violência intrafamiliar e de gênero para profissionais da área de segurança, como policiais; operadores(as) do direito, como os serventuários(as) da justiça, conciliadores(as), juízes e juízas; profissionais da área de saúde e da educação, bem como para lideranças comunitárias (Zuma, 2004).

⁶ A Rede de Homens pela Equidade de Gênero congrega um conjunto de organizações da sociedade civil que atuam na promoção dos direitos humanos, com vistas a uma sociedade mais justa com equidade de direitos entre homens e mulheres. A Campanha do Laço Branco é a principal ação da Rede. Iniciada em 1991, no Canadá, e hoje presente em todos os continentes, em mais de 30 países, compreende um conjunto de estratégias de comunicação com vistas a sensibilizar, envolver e mobilizar os homens no engajamento pelo fim da violência contra as mulheres. O laço branco é um símbolo que representa o compromisso de jamais cometer um ato violento contra as mulheres e não fechar os olhos diante dessa violência (Instituto Papai, s/d).

A realização dos grupos de homens está embasada na Proposta Reflexiva de Tom Andersen (1996). Está fundamentada também em autores tais como Humberto Maturana (1995), Carlos Sluzki (1997) e Marcelo Pakman (1995), no que se refere ao trabalho com redes sociais, entre outros que fundamentam a teoria sistêmica e o construcionismo social. O trabalho grupal visa a reconstrução de significados sobre padrões de masculinidades e relações de gênero, contrapondo com as ações cotidianas dos participantes. O grupo reflexivo torna-se um espaço onde os participantes permitem-se incluir seus sentimentos, subjetividades, criando um sistema grupal de convivência e reflexão sobre diversos temas cotidianos do contexto masculino e geral. Neste sentido, torna-se também, em termos sistêmicos, uma forma de prevenção e interrupção da violência (Acosta, Andrade & Bronz, 2004).

O modelo utilizado no Instituto Noos, lança mão de três importantes aspectos teóricos e metodológicos comumente utilizados em terapia familiar sob o enfoque sistêmico ou fundamentado no construcionismo social: a equipe reflexiva de Tom Andersen, técnicas narrativas e a atenção especial no desenvolvimento de redes. As reflexões de gênero também estão majoritariamente embasadas no construcionismo social. O grupo reflexivo de gênero com homens é uma das principais atuações do instituto e o que o tornou mais conhecido em âmbito nacional. Esta ONG integra também a Rede de Homens pela Equidade de Gênero e a Campanha “Laço Branco-Homens pelo fim da violência contra a mulher”.

Este instituto, apesar do menor envolvimento acadêmico, procura realizar pesquisas quantitativas e qualitativas, de forma integrada com suas atuações. Nas suas pesquisas qualitativas, utiliza entrevistas individuais em profundidade e grupos focais, já nas quantitativas, utilizam levantando de dados secundários, levantamentos de registros institucionais, levantamentos/surveys para a produção de dados primários. Suas pesquisas estão relacionadas às temáticas de suas atuações, ou seja, principalmente sobre o violência, em diferentes âmbitos, principalmente a intrafamiliar.

Em uma atuação mais ampla e variada, está o Instituto Promundo, organização não governamental de alcance internacional, fundada em 1997, inicialmente em Brasília. Em suas primeiras atuações, a organização buscava implementar no Brasil ações do Global Orphan Project (Projeto Mundial para Órfãos), atuando com projetos direcionados a crianças portadoras do vírus HIV. Em 1999, com a entrada de Gary Baker na organização, outros temas passaram a ser trabalhados, como por exemplo, a socialização de gênero com a população masculina jovem e o tema base de apoio para crianças e adolescentes oriundos de famílias de baixa renda. As atividades do instituto voltaram-se para o fortalecimento de sistemas comunitários de apoio a crianças e adolescentes e pesquisas que buscavam relacionar a busca de equidade de gênero com saúde de crianças, adolescentes e famílias. Somente em 2000 que a ONG foi transferida para o Rio de Janeiro.

Atualmente, o Promundo atua em duas frentes: gênero e saúde e prevenção da violência. Busca promover campanhas de valorização do cuidado paterno, intervenções com jovens, capacitações, engajamento de homens pela equidade de gênero, empoderamento de mulheres jovens quanto a saúde sexual e reprodutiva e participação comunitária, intervenções e pesquisas sobre homofobia, violência, exploração sexual, entre outros temas. Entre os anos de 1999 e 2001, este instituto, em parceria com outras ONGs brasileiras (ECOS, Instituto Papai) e de outros países latinoamericanos, desenvolveu o Programa H, partindo de um objetivo integrado e internacional de engajar homens jovens em ações de prevenção de violência, DSTs/Aids, igualdade de gênero, entre outros temas. Posteriormente, com o sucesso do Projeto H, foram desenvolvidos o Projeto M, direcionado às mulheres, e o Projeto D, direcionado para atividades com o tema diversidade sexual e homofobia. Estes programas foram replicados em diversos países, promovendo a discussão destes temas, através da aplicação de técnicas em oficinas e avaliações da eficácia do material.

O Promundo procura desenvolver pesquisas de forma a consolidar cientificamente seus projetos e avaliar os resultados de suas intervenções. Realiza mapeamentos e listagem de pesquisas já realizadas sobre determinadas temáticas, estudos para o Banco Mundial e Organização Mundial de Saúde (OMS) no que se refere a elaboração de programas sociais e políticas públicas, entre outras atuações. Para tanto, realiza pesquisas quantitativas e qualitativas, sempre integradas às atuações do instituto, promovendo a criação de instrumentos e materiais para serem replicados e utilizados em intervenções sociais em diversos âmbitos. Apresenta psicólogos(as) em seu quadro técnico atuando em diferentes níveis. A principal base teórica utilizada é o construcionismo social e autores que trabalham o tema masculinidades (por exemplo R.Connell, M.Kimmel, M. Kaufman).

Quanto a seus financiadores, o Promundo recebe recursos para seus projetos a partir de diferentes frentes, tais como fundações privadas, governos, setor privado e agências de cooperação bilateral e multilateral, organizações internacionais que financiam projeto para a erradicação do castigo físico contra crianças e promoção da igualdade de gênero.

Importante destacar ainda o NEPEM, núcleo lotado na UFMG que teve em sua história a participação de psicólogas sociais feministas relevantes como Sandra Azeredo, Karin Smigay (que teorizou o ciclo da violência e que tem diversos artigos sobre homens e masculinidades), Lúcia Afonso e atualmente conta com a coordenação de Marlise Matos, psicóloga e socióloga, que tem importantes artigos sobre o campo de estudos de gênero na academia.

Valorizando a pluralidade e novas temáticas

A terceira geração de pesquisadoras e pesquisadores vinculados à psicologia e que desenvolvem estudos de gênero, dos quais as pessoas e núcleos acima citados são representantes, possuem algumas características que aqui são destacadas. Chama atenção na descrição realizada acima algumas similaridades entre estes núcleos de pesquisa e ONGs, tais como o maior diálogo com os homens e estudos sobre masculinidades, a intensa interface entre pesquisa e intervenção, as influências da teoria *queer* e do construcionismo social, o diálogo existente entre as organizações descritas, a abordagem de novas questões teóricas e a interdisciplinaridade.

Entendemos como importante e necessária a inserção dos homens e masculinidades nesta geração, que marca uma leitura feminista deste campo, considerando que historicamente, nem todos os estudos de masculinidades estão marcados pelos estudos feministas. Esta interlocução promovida nestes grupos de pesquisa mapeados promove estudos que buscam implodir com a antinomia entre masculino e feminino e desafiam as construções sociais e culturais sobre masculinos e femininos, vistos de forma relacional. No que se refere às epistemologias e metodologias usadas por estes grupos, destacam-se a predominância de métodos qualitativos e analíticos e epistemologias diversas e de teor crítico. A significativa influência dos estudos *queers* no âmbito do gênero e também nos estudos contemporâneos de masculinidades e suas interferências nos estudos de gênero e feminismos diferencia esta geração das anteriores e produz novas tensões, reflexões e desafios. Ademais, vale destacar a interdisciplinaridade e o uso de pesquisa-ação, com participação de trabalhos integrados com o movimento feminista, em alguns casos. A perspectiva interdisciplinar que caracteriza seus estudos reflete não só a influência da linhagem acadêmica da qual descendem (Corrêa, 1997, Peirano, 1992), como também diz respeito à forma como o campo de estudos de gênero se organiza, na articulação de diferentes áreas do conhecimento.

Sua configuração, no entanto, parece apontar para um forte impacto dos movimentos sociais feministas. De modo geral, podemos inferir que a terceira geração de estudos de gênero na psicologia brasileira reflete a valorização da pluralidade e a presença de novos sujeitos do feminismo, trazendo temáticas para investigação que são também foco da busca da legitimidade destes sujeitos nas novas configurações do movimento feminista.

Importante salientar que há uma presença significativa de pesquisadores homens na terceira geração, e esta demarcação de sexo-gênero traz em seu bojo um embate que se faz no campo feminista brasileiro como um todo, tomando este como a imbricação de três esferas – a do movimento, a da academia e a do governo, entendendo esta terceira como uma área de acesso a direitos pelo Estado-nação (Adrião, Toneli e Maluf, 2010). Outro ponto de grande importância é que alguns destes núcleos, particularmente, o MARGENS, o GEMA e o NEPEM, apresentam o debate de gênero e também de masculinidades a partir de uma perspectiva feminista, o que vem complexificar o embate. Ao se denominarem feministas ou de orientação feministas, estes núcleos estão apresentando-se a partir de um viés de gênero que entende que as desigualdades se conformam a partir de questões de poder micro e macro configuradas socialmente em um locus permeado pelo patriarcado. E quando se fala em patriarcado está se remetendo ao masculino enquanto ethos que conforma e é conformado em corpos e sexualidades. Além disso, tensiona-se a própria noção de ciência enquanto detentora de uma verdade única, colocando em foco o posicionamento do(a) pesquisador(a) e a idéia de que o saber e a ciência também são políticos (Adrião, Toneli e Maluf, 2010).

O estudo de Karla Galvão Adrião (2008) demonstra que o movimento feminista no Brasil, vive atualmente o grande desafio de coadunar posições e enfoques políticos que transcendem às lutas históricas que definiram o feminismo historicamente. A presença das jovens feministas⁷, das transgêneros e dos próprios homens nas diferentes esferas de atuação do feminismo, tem gerado o desafio de repensar o sujeito político do feminismo, para além da idéia de uma condição das mulheres específica.

As transformações no feminismo já vêm se refletindo desde as primeiras gerações de estudiosas do gênero, uma vez que a articulação de gênero, sobretudo com as categorias de classe, etnia e geração já respondia à emergência dos discursos da diferença no bojo do feminismo, embora ainda sob o argumento da pluralidade das *mulheres* (Goldberg, 1989, Adrião, 2008). Assim, as duas primeiras gerações desenvolviam seus estudos com base nessa noção plural de mulher, investigando temas, como a condição social de empregadas domésticas e as formas de exclusão vividas por mulheres negras.

Nessa terceira geração, o enfoque sobre as masculinidades numa perspectiva feminista assim como de outros temas também dá indícios de que as transformações no feminismo, especialmente quanto a seu sujeito político, também se desdobram na academia, ainda mais quando, conforme descrevemos, as(os) pesquisadoras(es) das novas gerações ainda mantém a “estratégia da corda bamba” anteriormente referida como características das gerações anteriores.

A inclusão dos homens nas pautas feministas ainda apresenta-se como um assunto polêmico e de intensas discussões no movimento (Adrião, 2008), mas o que se vê a partir da descrição realizada neste artigo é a significativa participação de homens na terceira geração, pelo menos no que se refere a articulação entre psicologia e estudos de gênero que é o foco desta análise. Adrião (2008) aponta que:

⁷ Assim, definidas, com o qualificativo etário sobrepujando ao de sexo.

... a participação dos homens apresenta-se como uma questão incômoda porque se encontra sem respostas conclusivas. Por outro lado, demonstra um momento em que o feminismo no Brasil se depara com outras questões, pensando em várias formas de subjetivação dos homens e não apenas na dominante, na qual o homem é o opressor, embora esta condição de desigualdade permaneça, de uma forma geral, ainda colada à divisão sexual (em contraposição, inclusive, a discussões teóricas sobre a flutuação de sentidos sobre o masculino e o feminino em corpos de homens e de mulheres, desconstruindo o gênero). (Adrião, 2008, p. 266-267).

Estes homens vêm influenciados significativamente pelas gerações anteriores, suas questões e discussões, no entanto, trazem ao campo novas pontuações e problemáticas. Não podemos perder de vista a perspectiva relacional do campo de gênero, onde o masculino e feminino estão presentes. Estes pontos geram discussões políticas sobre os caminhos do movimento para os próximos anos e as estratégias possíveis para não se perder o rumo e as conquistas já realizadas.

Faz-se importante destacar nesta nova geração o diálogo profícuo entre movimento, governo e academia, promovendo uma circularidade de questões e contradições e influências em cada uma destas searas. De certa forma, ficamos tentados a afirmar que os movimentos sociais feministas ainda dão a pauta para os estudos feministas na academia, embora tenhamos que relativizar em alguns pontos como a noção de gênero trazida pela academia e a relação do movimento feminista com as financiadoras internacionais (Adrião, 2008). Ou seja, com relação à noção de gênero, esta atravessou pelo menos dois grandes momentos nos estudos no Brasil. O primeiro momento veio deslocar o campo de estudos sobre mulheres para estudos relacionais, e o gênero foi conceituado como a construção social do sexo biológico. O segundo momento foi marcado pelo debate sobre sexo-gênero, no qual o próprio conceito de sexo enquanto um dispositivo natural passou a ser questionado. A noção de gênero adotado passou a ser a de que gênero marca relações de desigualdade da ordem de masculinos e femininos que transitam em corpos de homens e de mulheres. Este momento foi influenciado pelos estudos *queer*, que apontavam a desconstrução do sexo biológico de homens e mulheres, a partir de desejos e transformações vivenciados por transexuais e transgêneros (Butler, 2006).

Ora, esta construção de uma noção de gênero que não se conforma mais e unicamente em corpos de mulheres, mas que desconstrói a própria noção do termo mulher, veio tensionar o campo político feminista, tendo em vista que o mesmo necessita de um sujeito político claramente definido para compor suas lutas por acesso a direitos. Nesse momento, uma importante autora é a Rosi Braidotti, que vai trazer a noção de “essencialismo estratégico”, ou seja, que é importante demarcar o sujeito mulher enquanto estratégia de ação em alguns espaços políticos.

Este embate se refletiu no campo feminista brasileiro particularmente entre feministas acadêmicas e feministas que estão no movimento, tendo em vista a questão que Judith Butler traz sobre nomear um sujeito mulher (Butler, 2003). A alternativa de assumir um “essencialismo estratégico” nem sempre foi visibilizada e em muitos momentos, o movimento ressentiu-se de trabalhar com uma noção de gênero que não permitisse uma definição objetiva de um sujeito político.

Com relação a chegada da noção de gênero trazida pelas financiadoras para o movimento, o que se percebeu foi que houve ainda na década de 1990 uma abertura de financiamentos internacionais que exigiam que as ONGs trabalhassem com gênero em suas pautas. A necessidade de incluir uma pauta “de cima para baixo”, sem ter, em muitos casos, a inclusão do debate teórico em torno do conceito, fez com que muitas viessem a utilizar gênero como sinônimo de sexo. Este fato ainda ecoa no cotidiano de ações no campo feminista brasileiro, atualmente.

As contradições e os avanços do feminismo, ainda se espelham na academia e um exemplo é a emergência de novos sujeitos no feminismo, tal qual discutido acima, o qual surge como questão no movimento e tem reberberado na academia, como podemos observar nos dados descritos acima sobre a terceira geração.

Nesta discussão, é necessário destacar também, tomando por base a tese de Adrião (2008), a força das políticas públicas nesta interface, onde a academia influenciada pelas pautas do movimento busca promover uma interlocução com o governo e espaços de cidadania e de direitos. Um exemplo apresentado no estudo desta autora é o termo gênero, mulher ou mulheres utilizado como estratégia política, discursiva e teórica. Ou seja, é alçado o “essencialismo estratégico” em momentos de construção de políticas, onde o termo mulher, e mais especificamente, as diversas identidades que o termo mulheres no plural traz —negras, lésbicas, jovens, deficientes, dentre outras— denota a necessidade da emergência de um sujeito político legítimo para o movimento feminista, enquanto estratégia de acesso a políticas públicas. Em contrapartida, quando o termo gênero aparece, abre flanco para que homens sejam incluídos na construção de algumas políticas específicas. Um exemplo trazido da I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres, ocorrida em Brasília, em 2005, foi a disputa por inclusão de ações na área da violência contra a mulher, que incluísse os homens autores de violência. Sob alegação de não uso do termo gênero, e de ser uma conferência de MULHERES e não de gênero, foram suprimidas algumas das propostas, o que demonstra mais uma vez as tensões no campo.

Considerações Finais

Um campo científico não existe a despeito das pessoas que o produzem. Pelo contrário, é tão vivo quanto aqueles que o sustentam e tão dinâmico quanto as trocas e o jogo de forças por elas gerado. Como diz Bourdieu (2004), um campo científico é um mundo social como qualquer outro, que reage às pressões e influências externas de acordo com sua lógica própria de existência social e cultural. Nas palavras de Lia Zanotta-Machado (1997, p. 136):

Se o impacto dos feminismos nos campos intelectuais referidos traduziu-se na produção do conhecimento teórico dos saberes disciplinares, é preciso lembrar que os rumos futuros dos efeitos dos discursos feministas no campo intelectual dependem não só dos processos internos relativos a seu grau de autonomia relativa do campo, mas muito dos rumos políticos dos movimentos de mulheres e dos rumos das políticas sociais nacionais e mundiais sobre a situação das mulheres e sobre as diferenças culturais.

Vale destacar também que são muito semelhantes as tensões atuais vividas no feminismo a partir da presença das transgêneros e dos homens no contexto do movimento com o conflito na esfera acadêmica, entre as que se reconhecem como feministas acadêmicas e as definidas informalmente por elas como “generólogas”, por abrirem espaço para a noção relacional de gênero e, portanto, para temáticas como as masculinidades (Adrião, 2008). Como diz Pierucci, há momentos em que “o jogo político é também uma guerra semântica” (Pierucci, 1998, p. 43). Sem a intenção de um aprofundamento nesta questão, é interessante destacar que esta tensão política entre os estudos de gênero e os estudos de mulheres ou feministas, está relacionado principalmente à questão do acesso a direitos. Segundo Adrião (2008), algumas feministas acreditam que o uso do termo gênero tiraria o foco das mulheres, podendo acarretar em perdas concretas ao acesso de direitos e conquistas, conforme discutido anteriormente.

De um modo geral e pretensamente conclusivo, poderíamos afirmar que a terceira geração, alimentada pelas anteriores, fica com o desafio de desenvolver e ampliar as discussões no campo de gênero, na interface entre academia, movimentos e políticas de governo; desafiando tensões e apresentando novas questões. Fica o desafio de romper barreiras de diversos níveis, divulgar e disseminar os estudos de gênero na psicologia e manter as conquistas das gerações anteriores tanto na teoria como na prática, entre as diversas searas apresentadas.

Um debate particularmente interessante é o enfoque político que se dá dentro da academia quando se trata de trabalhar com os estudos de gênero numa perspectiva feminista. Os núcleos da terceira geração buscam esta interface, buscando politizar a noção de ciência e as ações acadêmicas de pesquisa e intervenção. Desse modo, eles tensionam a própria noção de academia enquanto espaço distinto do espaço do movimento social, tendo em vista que também é possível, nesta perspectiva, militar na academia. E mais que isso, visibilizar as ações da academia como influenciadoras e influenciadas, dialeticamente, pelas demais esferas do campo feminista – a do movimento e a das políticas governamentais.

Referências

- Acosta, Fernando; Andrade, Antônio Filho & Bronz, Alan (2004). *Conversas homem a homem: grupo reflexivo de gênero*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Adrião, Karla; Toneli, Maria Juracy Filgueiras; Maluf, Sônia Weidner. (2010). Feminismos na academia: entre políticas e teorias. En Miriam Pillar Grossi, Mara Lago e Adriano Nuernberg (Eds.), *Estudos in (ter) disciplinados. Gênero, feminismo, sexualidade* (pp. 91-122). Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Adrião, Karla (2008). *Encontros do feminismo - Uma análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia*. Tese de Doutorado não publicada. Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – DICH. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC.
- Andersen, Tom (1996). *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Instituto Noos-ITF.
- Ariha, Margareth (1999). Homens, saúde reprodutiva e gênero: o desafio da inclusão. En Karen Giffin y Sarah Hawker Costa (Eds.), *Questões da saúde reprodutiva* (pp. 455-467). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Bourdieu, Pierre (2004). *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Butler, Judith (2003). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, Judith (2006). *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós.
- Costa, Albertina (1994). Os estudos da mulher no Brasil ou a estratégia bamba. *Revista Estudos Feministas*. Número Especial, 401-409.
- Corrêa, Mariza (1997). O espartilho de minha avó: linhagens femininas antropologia. *Horizontes Antropológicos*. 3(7), 70-96.
- Goldberg, Anette (1989). Feminismo no Brasil contemporâneo: O percurso intelectual de um Ideário Político. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*. 2, 42-70.
- Haraway, Donna. (2004). “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, 22, 201-246.
- Instituto Papai (s/d). Extraído em 17 de março de 2008, de <http://www.papai.org.br>
- Lago, Mara Coelho de Souza & Toneli, Maria Juracy Filgueiras (2008). Psicologia e estudos de gênero – o caso da UFSC. En Mara Coelho de Souza Lago, Maria Juracy Filgueiras Toneli, Adriano

- Beiras, Mariana Barreto Vavassori y Rita de Cássia Flores Müller (Eds.), *Nas margens: gênero e pesquisa em psicologia social* (pp. 09-17). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lyra da Fonseca, Jorge (1999). Participação masculina na gravidez adolescente. En Elizabeth Meloni Vieira, Maria Eugênia Lemos Fernandes, Patricia Bailey y Arlete McKay (Eds.), *Seminário gravidez na adolescência* (pp. 119-126). Rio de Janeiro: Associação Saúde da Família.
- Maturana, Humberto (1995). Biología y violencia. En Fernando Coddou, Gloria Kunstmann, Humberto Maturana, Carmen Méndez y Herman Montenegro (Eds.), *Violencia en sus distintos ámbitos de expresión* (pp. 71-91). Santiago de Chile: Dolmen.
- Medrado, Benedito (1998). Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. En Margareth Arilha, Sandra G. U. Ridenti y Benedito Medrado (Eds.), *Homens e masculinidades: outras palavras* (pp. 145-161). São Paulo: ECCOS/Editora 34.
- Nuernberg, Adriano Henrique (2005) *Gênero no contexto da produção científica brasileira em psicologia*. Tese de Doutorado não Publicada. Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – DICH. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC.
- Pakman, Marcelo (1995). Redes: una metáfora para práctica de intervención social. En Elina Dabas y Denise Najmanovich (Eds.), *Redes, el lenguaje de los vínculos* (pp. 294-302) Buenos Aires: Paidós.
- Peirano, Mariza (1992). Os Antropólogos e suas Linhagens. En Roberto Cardoso de Oliveira (Ed.), *Homenagem* (pp 31-45). Campinas : IFCH/UNICAMP.
- Pierucci, Antônio F. (1998). *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34.
- Scott, Joan (1995) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-100.
- Sluzki, Carlos E. (1997). *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zanotta-Machado, Lia (1997). Estudos de Gênero: para além do jogo entre intelectuais e feminista. Em Mônica R. Schpun (Ed.), *Gênero sem fronteiras* (pp. 93-139). Florianópolis: Ed. das Mulheres.
- Zuma, Carlos Eduardo (2004). *A violência no âmbito das famílias identificando práticas sociais de prevenção*. (Monografia do Curso de Especialização em Gestão de Iniciativas Sociais) LTDS/COPPE/UFRJ e SESI/DN). Rio de Janeiro, RJ.



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons](#).

Usted es libre de copiar, distribuir y comunicar públicamente la obra bajo las siguientes condiciones:

Reconocimiento: Debe reconocer y citar al autor original.

No comercial. No puede utilizar esta obra para fines comerciales.

Sin obras derivadas. No se puede alterar, transformar, o generar una obra derivada a partir de esta obra.

[Resumen de licencia](#) - [Texto completo de la licencia](#)